



## A obra de Adonias Filho nas escolas de Itajuípe: reflexões críticas sobre identidade cultural

*The literary works of Adonias Filho in Itajuípe schools: critical reflections on cultural identity*

Fabrício de Jesus Santos<sup>1</sup>  
Inara de Oliveira Rodrigues<sup>2</sup>

**RESUMO:** o objetivo central deste trabalho consiste em discutir as representações dos trabalhadores ligados à economia do cacau e de povos indígenas na obra *Corpo Vivo*, de Adonias Filho (1962), tendo por alicerce teórico o pensamento decolonial, sobretudo com Quijano (2005). A análise parte do pressuposto de que a literatura, enquanto prática discursiva, é atravessada por ideologias que revelam ou ocultam estruturas de dominação. Assim, analisamos as marcas de colonialidade presentes no referido romance, considerando as bases conservadoras da ideologia integralista e católica do autor. Nesse sentido, problematizamos também a forma acrítica como Adonias Filho é celebrado na cidade de Itajuípe, em escolas, memorial e eventos da comunidade, fazendo sua trajetória conservadora ser esmaecida, contribuindo para a imagem apolítica que o autor construiu para si. De modo consequente, propomos, a partir das ideias de letramento literário de Cosson (2009), uma sequência didática para o estudo dessa narrativa de Adonias Filho nas escolas do referido município. Acreditamos, assim, que a valorização das obras desse autor deve contemplar um exercício crítico de leitura capaz de afirmar positivamente a identidade cultural dos/as estudantes, geralmente, filhos e filhas de trabalhadores.

**Palavras-chave:** *Corpo Vivo*; Pensamento decolonial; Letramento literário.

**ABSTRACT:** this study aims to discuss the representations of workers tied to the cocoa economy and Indigenous peoples in “Corpo Vivo” by Adonias Filho (1962), drawing on decolonial thought, particularly Quijano (2005). The analysis assumes that literature, as a discursive practice, is shaped by ideologies that reveal or conceal structures of domination. Thus, we examine the marks of coloniality in the novel, considering the author’s conservative integralist and Catholic ideology. The work questions the uncritical celebration of Adonias Filho in Itajuípe through schools, memorials, and community events, which obscure his conservative trajectory and reinforce an apolitical image. Based on Cosson’s (2009) literary literacy framework, we propose a didactic sequence for studying this narrative in local schools, advocating for a critical reading practice that affirms students’ cultural identity, often rooted in working-class backgrounds.

**Keywords:** *Corpo Vivo*; Decoloniality; Decolonial thought; Literary literacy.

<sup>1</sup> Licenciado em Letras. Universidade Estadual de Santa Cruz. E-mail: [fjsantos@hotmail.com](mailto:fjsantos@hotmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-0752-2535>.

<sup>2</sup> Doutora em Letras. Professora Titular da Universidade Estadual de Santa Cruz. E-mail: [lorodrigues@uesc.br](mailto:lorodrigues@uesc.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8950-7374>.



## Introdução

Neste trabalho, analisamos criticamente as representações dos povos indígenas do Sul da Bahia e dos trabalhadores em sua relação de subsistência no contexto econômico da cultura do cacau na obra *Corpo Vivo* (1962), de Adonias Filho. A referida obra reflete sobre a condição humana, suas contradições e a luta pela sobrevivência num contexto violento e pobre.

Para tal, tendo por alicerce o pensamento decolonial, propomos uma leitura a contrapelo do olhar de Adonias Filho: se este parte da casa grande, do latifúndio, redimensionamos criticamente a maneira como o povo subalternizado é representado, colocando o foco da análise sobre a realidade dos trabalhadores e dos povos indígenas.

Como explica Oliveira (2016, p. 221), as obras adonianas documentam, mesmo não ocupando o papel de registro formal, a vivência do povo da região cacaueira. Sendo assim, sem desmerecer o seu valor como literato, e, ainda mais, sem desconsiderar a sua posição ideológica conservadora, entendemos que o reconhecimento às obras de Adonias Filho deve ser dado pela consciência de que elas apresentam traços identitários e históricos da região sul baiana, quando lidas nesse movimento crítico.

Discutimos também o tratamento que Adonias Filho recebe em sua cidade natal, Itajuípe, no Sul da Bahia, visto que, desde a abertura do Memorial Adonias Filho no ano de 2011, tornou-se lei que as suas obras sejam trabalhadas nas escolas municipais de Itajuípe. Em decorrência disso, tanto nas escolas quanto na comunidade que fomenta ações culturais na cidade, o autor é celebrado, sem questionamentos sobre, por exemplo, sua participação na ditadura civil-militar de 1964.

Assim, compreendemos ser relevante propor ações pedagógicas a serem desenvolvidas nas escolas itajuipenses, justamente para que a referida lei seja cumprida de maneira crítica e emancipadora. Isso é, numa perspectiva ao revés das representações e da trajetória do autor, buscamos apresentar ações voltadas ao ensino de suas obras com o objetivo de se contribuir com a afirmação identitária dos/as estudantes do município de Itajuípe, reforçando o reconhecimento positivo do seu pertencimento como forma de resistência cultural.

Metodologicamente, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica que utiliza os métodos descritivo e analítico para o exame da obra selecionada como corpus. Nos alicerçamos teoricamente no campo crítico do pensamento decolonial, especialmente embasado em Quijano (2005), já para os estudos da trajetória histórica do autor tomamos Dantas (2010) como



referência. Finalmente, para as ações pedagógicas, tomamos as proposições didáticas de Cosson (2009) para o letramento literário.

Desse modo, apresentamos uma análise que problematiza as bases conservadoras das representações de Adonias Filho e, conseqüente, apresentamos uma abordagem crítica e contextualizada para o ensino da obra literária de autor nas escolas de Itajuípe, a fim de incentivar o desenvolvimento do pensamento crítico dos/as alunos/as.

Para tanto, estruturamos o trabalho em duas seções: na primeira, apresentamos uma síntese dos elementos que caracterizam o conjunto da obra de Adonias Filho de acordo com a crítica especializada. Ainda nessa primeira seção, analisamos a obra *Corpo Vivo* a partir do campo teórico crítico do pensamento decolonial, levantando a discussão sobre a necessidade de uma leitura que redimensione o olhar do autor, deslocando o foco para os povos subalternizados.

Na segunda seção, fazemos um levantamento do tratamento que Adonias Filho recebe em Itajuípe, discutindo a lei municipal que assegura a presença do autor nas escolas, e a importância de que essa presença, nas salas de aula, seja feita de forma crítica. A partir disso, propomos ações didático-pedagógicas para as escolas municipais de Itajuípe, considerando que a valorização das obras de Adonias Filho deve contemplar um exercício crítico de leitura capaz de afirmar positivamente a identidade cultural dos/as estudantes, geralmente, filhos e filhas de trabalhadores.

### **Narrativas de Adonias Filho: por uma leitura decolonial**

Temos por pressuposto neste trabalho que a leitura crítica da obra de Adonias Filho deve levar em conta o pensamento decolonial. Isso porque buscamos estabelecer uma perspectiva ao revés das representações e da trajetória do autor, que, ao simpatizar com integralismo<sup>3</sup>, reproduz o pensamento colonial, a colonialidade em suas obras. Para mais, comprometidos com a busca de ampliar a discussão sobre o pensamento decolonial no ensino de literatura, compreendemos a representação enquanto forma de perpetuação ou de crítica à colonialidade. Para tal, nos aprofundamos em Quijano (2005), que define o pensamento decolonial como aquele que afirma que as bases do colonialismo são ainda vigentes, assumindo formas diferentes no

---

<sup>3</sup> “Com o lema ‘Deus, Pátria e Família’ e com o grito ‘Anauê!’ em defesa do nacionalismo, o integralismo brasileiro pode ser considerado o movimento fascista com maior sucesso fora da Europa. Criada oficialmente em 1932, a Ação Integralista Brasileira (AIB) foi um grupo político que tinha como propósito a formação de um grande movimento nacional” (Christofolletti, 2021, p. 8).



que Wallerstein (2004) chama de Sistema-Mundo, para a perpetuação da Economia-Mundo Capitalista.

O pensamento decolonial é, portanto, luta e resistência através da percepção da realidade, isso é, das amarras coloniais que envolvem os povos subalternizados. Essa percepção da realidade nasce do chamado “giro decolonial”, que Walsh, Mignolo e Linera (2006) descrevem como o ato de se “desprender da camisa de força” e se reconhecer inserido enquanto subalternizado no processo de colonização moderno. Nesse sentido, a decolonialidade é um conceito teórico que busca repensar categorias e conceitos, tendo como ponto de partida a América Latina e rompendo com a hegemonia da Europa.

Para melhor compreensão do pensamento decolonial, deve-se levantar a discussão sobre colonialismo e colonialidade. O ato de se pensar e questionar a colonialidade já se constitui em pensamento decolonial. A colonialidade é o resultado de um processo contínuo derivado da colonização, que se apresenta como opressão, subalternização, desumanização e pobreza. Por sua vez, o colonialismo é o próprio processo através do qual a dominação e a exploração acontecem. Sendo assim, podemos considerar o colonialismo como o processo e sistema da dominação, ao passo que, a colonialidade é o produto deste processo que se perpetua ainda hoje.

Para mais, o conceito de pensamento decolonial ainda se articula com os conceitos de colonialidade e modernidade. A Europa ocidental constituiu sua imagem enquanto única produtora da modernidade, e isso, como salienta Quijano (2005, p. 122), levou os colonizadores a pensarem-se como os modernos da humanidade e de sua história, como o novo e, ao mesmo tempo o mais avançado da espécie. Essa modernidade avança como evolução, salvação e progresso civilizatório, enquanto atua como forma de esconder as mazelas do sistema-mundo moderno capitalista.

Essas formas de dominação, perpetuação do poder e, principalmente, subalternização dos povos colonizados, acontecem através de um eixo principal: “a classificação social da população mundial de acordo com a ideia de raça” (Quijano, 2005, p. 117). A partir da ideia de raça o pensamento colonial justifica o trabalho remunerado como sendo um privilégio da raça conquistadora, a branca, ao passo que, para as raças conquistadas, o que resta é a escravidão e a servidão. As amarras da colonização ainda imperam no sistema-mundo moderno capitalista, pois

Não é muito difícil encontrar, ainda hoje [...] o menor salário das raças inferiores pelo mesmo trabalho dos brancos, nos atuais centros capitalistas; [o que] não



poderia ser, tampouco, explicado sem recorrer-se à classificação social racista da população do mundo. Em outras palavras, separadamente da colonialidade do poder capitalista mundial. (Quijano, 2005, p. 120).

Como constata Quijano (2005, p. 120), no sistema-mundo capitalista o controle do trabalho articula, em torno da relação capital-salário, todas as formas de controle colonial. A lógica racista que justificava o trabalho escravo, agora é aplicada ao trabalhador explorado e mal remunerado. Ainda podemos destacar que “o controle de uma forma específica de trabalho podia ser ao mesmo tempo um controle de um grupo específico de gente dominada” (Quijano, 2005, p. 119). Nesse sentido, como interessa a este trabalho destacar, em uma região com um povo de maioria preta e pobre com subsistência voltada ao cacau, ter controle do latifúndio é ter controle sobre este povo.

Indissociável à ideia de raça está a colonialidade do poder, que Quijano (2005) descreve como o controle político e econômico que é alicerce de toda operação colonial no sistema-mundo moderno capitalista. Articulado a esta, estão as colonialidades de saber e ser, que “se constituem no pensamento dos colonizados e legitimam as diferenças sociais, culturais e epistêmicas” (Oliveira; Lucini, 2021, p. 2). Ambas são constituintes da produção eurocêntrica de conhecimento e de representação. Dentro dos avanços da modernidade, a colonialidade do saber não valida outras formas de cultura ou saberes, assim, são reprimidas “as epistemes ‘outras’, com a invisibilização, negação, e folclorização [...]” (Oliveira; Lucini, 2021, p. 7). A colonialidade do ser, por sua vez, Walsh (2006) define como força na manutenção e relação entre a colonialidade do poder e do saber, pois ela nega aos subalternos a sua condição como pessoa. Dentro dessa discussão, nos interessa ressaltar que o controle do conhecimento, aliado ao poder de definir o ser (humano), se manifesta diretamente nas produções literárias quando as representações de cultura e povos são impactadas pela desumanização, estereotipação e folclorização do conhecimento dos povos não europeus.

Finalmente, partindo do pressuposto de que a literatura, enquanto prática discursiva, é atravessada por ideologias que revela ou ocultam estruturas de dominação, se faz necessário compreender as bases ideológicas que sustentam e/ou influenciam as representações do autor analisado.

#### *Adonias Filho e sua obra: principais elementos caracterizadores*

Adonias Filho (1915-1990) nasceu em Pirangi, que posteriormente se tornaria Itajuípe. Cresceu na fazenda da família, que foi pioneira no plantio de cacau, e foi dentro desse contexto



que testemunhou as transformações da região Sul baiana em torno da cultura cacauêira; isso, naturalmente, muito influenciou nas representações de suas obras. Adonias Filho construiu uma carreira movimentada e diversa, permeando vários espaços de saber e poder: foi jornalista, crítico literário, editor e romancista. Apesar de construir a imagem de apolítico, teve forte atuação em cargos políticos: foi diretor do Serviço Nacional do Teatro (1954), diretor da Biblioteca Nacional e diretor da Agência Nacional do Ministério da Justiça (1961 até 1971), eleito para a Academia Brasileira de Letras (1965), membro do Conselho Federal de Cultura (1967 até 1973) e presidente da Associação Brasileira de Imprensa (1972). Pelos cargos ocupados e, pela época em que os ocupou, fica claro que foi um grande apoiador da ditadura civil-militar de 1964, na qual, segundo Mota (2015, p. 163) atuou como intelectual que ocupou posições estratégicas na mobilização anticomunista.

Não nos interessa aqui estabelecer uma linha biográfica exaustiva, mas sim discutir como sua vivência enquanto homem de sua época constituiu as representações de suas obras: “Os críticos literários e historiadores da literatura o definiram como autor “católico”, “metafísico”, “trágico” e até mesmo “apolítico” (Dantas, 2010, p. 16). Discutiremos então, em partes, cada uma dessas definições e suas contradições, a fim de estabelecer as principais características que o constituem como literato de uma literatura regional, mas que também acessa lugares que foge do campo da regionalidade. Não utilizamos aqui a expressão “literatura universal” pois, numa perspectiva decolonial, buscamos descaracterizar o padrão eurocêntrico. Mas, recorremos a Assis Brasil que, em Adonias Filho (1969), considera que, quando o autor ambienta sua ficção na região cacauêira, não é para reproduzi-la como uma fotografia, mas para recriá-la em uma visão própria, e isso foge da prática regionalista.

Sua primeira publicação é uma reação às mobilizações de esquerda no país: o ensaio “Renascimento do homem” (1937), em que ele descreve, através da doutrina integralista, como o liberalismo e o marxismo são forças do mal que afastam o homem de Deus, enfraquecendo seu espírito e fazendo emergir nele o que há de pior. Esse mal se traduz na “[...] ganância dos interesses materiais, o desinteresse pelo bem público, a decadência dos costumes, o desprezo pelas virtudes tradicionais da ordem, da obediência e do respeito às leis naturais” (Dantas, 2010, p. 34). Essa primeira publicação é bastante representativa para sua trajetória, visto que as ideias nela defendidas permeiam tudo o que Adonias Filho publicou depois. A influência católica, que vem de sua mãe e de sua formação, está sempre presente na dicotomia que ele estabelece entre bem e mal em suas obras, sendo o bem representado pelas virtudes cristãs-católicas.



Suas influências católicas se entrelaçam também com as questões metafísicas e teológicas, sendo a predestinação e a divina providência elementos constituintes das narrativas. Ainda nessa linha, Adonias Filho busca transcender o conhecimento de mundo em instância material, emergindo questões interiores do ser. É nesse sentido que Mattos (2022, p. 65) o considera como sendo “um analista de alma, de espaços interiores, [...] ficcionista que captura as essências dos seres humanos”.

Há de se ressaltar ainda, nas obras adonianas, a presença do trágico e a violência como elementos que ilustram o distanciamento de Deus. Sendo assim, o “trágico de Adonias Filho é em relação ao homem decaído que tem de cumprir um destino de dor e sofrimento” (Dantas, 2010, p. 31), seja porque se distanciou das virtudes do bem ou porque se aproximou das concepções do homem moderno. Podemos ainda recorrer à crítica especializada de Almeida Salles, segundo o qual “[...] Adonias Filho faz a colocação do problema moral do homem, abordando a tragédia humana sob o ponto de vista da consciência de uma criatura banida do Jardim do Éden” (Dantas, 2010, p. 22). Ou ainda, como cita Coutinho (1996, p. 556), no universo adoniano “a loucura, a crueldade e a vingança não se restringem a alguns. Ela é a própria forma de figuração da vida”.

Mesmo tratando da questão humana em suas obras, Adonias Filho assume integralmente o lugar de apolítico ao declarar que a literatura é primariamente representação artística e não “manifesto político”. A sua perspectiva de cristão-católico, junto a sua ideologia integralista, o conduz a representar as mazelas do mundo como sendo causadas por um mal interior e individual de cada homem. Dessa forma, o autor recusa representar a existência e a perpetuação de desigualdade, exploração e opressão como sendo causadas por um sistema de dominação.

Enquanto Jorge Amado desenha Ilhéus e o cacau numa convergência com a sociedade e a economia, “[...] em Adonias Filho, o vale, os jagunços, os pobres, os dementes e os criminosos nada têm a dizer além dos símbolos que encarnam” (Coutinho, 1996, p. 556). Não é adequado, entretanto, estabelecer juízo de valor somente por essas distinções, não podemos julgar maior ou menor um escritor que escolha esta ou aquela forma de representação. Mas, cabe ressaltar que a representação das classes subalternizadas como sendo apenas símbolos delas mesmas demonstra um olhar que parte da casa grande. Em outras palavras, trata-se de um olhar de cima para aqueles que estão em baixo, pois o autor não considera as nuances sociais e políticas que dialogam com a realidade.





O catolicismo, as questões metafísicas e o trágico são os alicerces constituintes da narrativa adoniana, por meio das quais o autor representa a região Sul baiana, a luta do homem em suas questões interiores e pela sua sobrevivência na terra. Essa tríade caracterizadora é a que lhe rende prestígio, enquanto autor que usa da região cacauífera como fundo para sua narrativa, mas não cai no simples regionalismo. No entanto, é preciso não ser ingênuo sobre o posicionamento apolítico que o autor toma para si, haja vista que suas obras trazem muito de suas crenças integralistas. Faria, em *Destino do Socialismo* (1933), descreve que o homem é dotado de uma natureza de difícil controle por conta da sua “malignidade intrínseca”, que se manifesta no distanciamento de Deus. Adonias Filho compartilha dessas ideias integralistas em seu primeiro ensaio e as reproduz em sua obra quando, rejeitando a ideia de classes, representa as mazelas do mundo como sendo produto da maldade interna e individual do homem em seu distanciamento das virtudes cristãs.

*Por uma leitura decolonial de Corpo Vivo*

*Corpo Vivo* (1962), de Adonias Filho, é o terceiro livro que compõe a “trilogia do cacau”. Diferentemente de seus antecessores, *Servos da morte* (1946) e *Memórias de Lázaro* (1952), *Corpo Vivo* não se dedica a investigar questões metafísicas de vias teológicas, mas questões interiores ao ser, buscando desvendar a essência humana através de seus atos mais animalescos e violentos, questionando se há virtude nessa criatura que parece ter predisposição intrínseca para o mal.

Nessa obra, Adonias Filho apresenta uma linguagem poética através de uma composição cuidadosa da palavra, para assim construir uma narrativa que explora as complexidades interiores do ser, colocando em jogo o sentido de humanidade e, até que ponto não seria acrescido a esta humanidade uma dimensão animalesca. Essa dimensão animalesca acompanha o homem como uma herança maldita que, diante da violência e do trauma, se revela suprimindo a humanidade para transformar o homem em fera, revelando seus atos mais sórdidos e brutais. No entanto, ambas as dimensões, animal e homem, não são inteiramente excludentes, visto que o ato de violência animalesco é por vezes motivado pelo sentimento humano. É dentro dessa dualidade que Adonias Filho trabalha a psique do protagonista Cajango.

Em *Corpo Vivo*, o trágico característico das obras adonianas é o estopim da narrativa. Tudo se inicia quando o menino Cajango tem sua família inteira chacinada por jagunços em razão de uma disputa de terras. Cajango, sendo o único sobrevivente, é levado por seu padrinho





Abílio para se refugiar nas selvas de Camacã, onde vive com seu tio, o índio Inuri, que cria Cajango para vingar sua família.

O protagonista, criado na mata impenetrável, é ensinado a ser fera. Logo que cresce, ele reúne um bando para iniciar sua busca por vingança. Em sua jornada, no entanto, ele conhece Malva, que desperta sua parte mais humana. Isso, por sua vez, faz seu tio Inuri o acusar de desviar da obrigação de vingar seus pais. Por fim, Cajango mata o tio que o criou, e termina por viver na serra com Malva.

Compreendida a temática e a narrativa, buscamos construir leituras em uma perspectiva decolonial nas lacunas deixadas pelo autor. Aplicamos aqui o conceito de decolonialidade pensando nas representações das minorias e trabalhadores da terra como o povo subalternizado, em contrapartida, o latifundiário está, em instância menor, como o protótipo do colonizador.

Primeiro, devemos pensar *Corpo Vivo* (1961) como “um romance que impõe sua própria teoria interpretativa” (Pinho, 2014, p. 95), isso por ser anterior às teorias contemporâneas identitárias, mas principalmente em razão de suas bases integralistas. A obra objetiva tratar de questões de identidades híbridas (branco, negro, índio) e os conflitos do encontro do homem civilizado e a natureza, como destaca Pinho (2014, p. 95). No entanto, suas representações são marcadamente coloniais e suas discussões e denúncias são limitadas pelas crenças conservadoras do autor.

A primeira leitura que podemos construir ao revés das representações do autor está na ausência da luta de classes. Dentro do sistema da economia cacaueteira, o controle da terra significa o controle do trabalho, por sua vez, isso significa o controle das raças<sup>4</sup> que têm neste trabalho sua subsistência. No entanto, a obra não abre espaço para esta discussão porque o latifundiário não tem rosto ou nome. A família do protagonista foi assassinada em prol da expansão de terras; no entanto, Cajango, em seu desejo por vingança, não considera para quem os assassinos poderiam trabalhar.

A obra “faz uma denúncia explícita da destruição dos pequenos proprietários do sul da Bahia” (Dantas, 2010, p. 21). No entanto, essa denúncia é limitada, pois não aponta um culpado. Poderíamos ver esta escolha quase como intencional, visto que as bases conservadoras da obra não possibilitam recair em questões que se assemelhem à luta de classes. Por isso, definir o latifundiário como o vilão e causador da morte da família do protagonista estabeleceria a

---

<sup>4</sup> Usamos o termo raça no sentido de categoria de luta – de acordo com Lia V. Schucman (2010), trata-se de uma “categoria política [por meio da qual] a luta antirracista se articula”.



dicotomia que divide o trabalhador/latifundiário, classe dominada/dominante ou ainda colonizador/colonizado.

Em suas bases católicas e integralistas, Adonias Filho recusa ver o homem como pertencente a classes; para ele “a luta do homem é moral, é consigo mesmo, e quando lutam entre si, não o fazem como classe, mas como seres egoístas e predadores” (Dantas, 2010, p. 21). Entender melhor essas concepções em seu ensaio, “O renascimento do homem”, no qual Adonias Filho descreve que a resolução das mazelas do mundo estaria no encontro do homem com Deus, na recuperação da alma cristã:

Existe uma alma, a cristã, e a solução é simples: fazer com essa alma ocupe o seu lugar no corpo do homem liberal-marxista. E no momento em que isto se faça, cessará a exigência da vida interior, porque, desde que o homem adquira a alma cristã, também, adquirirá uma vida cristã. É apenas um trabalho de trazer ao homem aquilo que o homem afastou. Logo que o infra-homem se complete integrando-se na verdade vida, desaparecerá de si o seu ódio contra a civilização[...] (Adonias Filho, 1937, p. 313, *apud* Dantas, 2010, p. 85).

Para Adonias Filho a doutrina marxista teria rompido o frágil laço de fé em Deus que o homem ainda poderia ter e isso o teria feito regredir ao primitivismo (Dantas, 2010, p. 80). Ainda assim, para Adonias Filho, o homem moderno não reconhece seu declínio como falta de fé, ao invés disso, atribui suas mazelas à ideia de classe.

Em suas representações, sua decisão de não atribuir ao latifundiário o papel violento na expansão e na dominação das terras da região, advém dessas crenças integralistas. Pensando dessa forma, nas representações de Adonias Filho, se este suposto latifundiário, em sua expansão, mata pela ganância, não faz isso dentro da lógica do capitalismo, mas pelo seu distanciamento da alma cristã.

Adonias Filho compreende que através do encontro do homem com a fé cristã poderia haver uma conciliação humana. Prova dessa concepção são suas representações do trabalhador sem qualquer tensão sobre condições de trabalho, como na passagem em que o empregado se compadece pela situação de seu patrão depois deste perder sua fazenda.

[...] era uma perversidade tomar a terra daquele homem e tanger aquela gente, era ele quem sempre me fazia companhia ao lado sentado na cancela [...] (Adonias Filho, 1962, p.27) – O trecho em questão mostra como a relação entre patrão e empregado é sempre representada por uma amizade incondicional, sem a presença de reivindicações ou questionamento das condições de trabalho.



Outro exemplo é o amor dos empregados pelo filho do patrão: Cajango era mais que um filho para o negro Setembro. Tomavam banhos no ribeirão, foi com o negro que aprendeu a nadar, a montar e creio que a mão do negro cobriu a sua quando deu o primeiro tiro (Adonias Filho, 1962, p. 28).

Nesse segundo trecho, ainda há outra questão: a lógica colonial racista atribui ao povo subalternizado o trabalho escravo e servil, assim, o trabalho remunerado é visto como um privilégio branco, enquanto ao negro é imposta a condição de inferioridade e servidão. Na última passagem destacada, mesmo representando um trabalhador remunerado, a lógica racista colonial se manifesta ao representar esse homem negro como um servo grato pelo seu trabalho e, sobretudo, amoroso em relação aos seus patrões. Mais que isso, na obra, as representações do trabalhador estão sempre alinhadas às representações coloniais do bom negro: servil, submisso e devoto a seus patrões.

Podemos também destacar a representação marcadamente colonial dos povos indígenas. A representação indígena na obra não se faz a partir de um povo, mas de um único personagem. Assim, Adonias Filho apresenta uma estranha figura deslocada, sem comunidade ou cultura, apenas um homem, Inuri, que vive na selva, sendo frequentemente descrito como fera: Se conheci Inuri naquela invernada, não sei. Espantava-me como resistia ao frio e à fome [...] esse bugre desconfiado, fera que não vivia fora da selva, tomou o menino a seu cuidado como se tomasse um filho de onça (Adonias Filho, 1962, p. 19).

O olhar eurocêntrico conduz o autor a desumanizar o personagem indígena de modo que todos os seus traços são construídos em uma imagem animalesca, desde o modo como come, se porta e se comunica. Mesmo para atribuir características positivas ao indígena, Adonias Filho recorre ao indianismo. Assim, através desse olhar eurocêntrico, Adonias Filho traz a imagem heroica do homem selvagem comum na prosa romântica: Eu vi o mais esperto dos homens, é preciso que diga. Aproximando-se, mostrou a fisionomia de índio, com cabelos cortados na testa, os dentes miúdos, os pés descalços, a chuva lavando o busto inteiramente nu (Adonias Filho, 1962 p. 18).

É Inuri o responsável pela preparação de Cajango. O menino interna-se na mata como criança e, depois de conviver com o tio, sai como homem-fera, pronto para cumprir seu dever de vingança. Assim, Adonias Filho descreve que “o bugre não criou um homem. Criou a fera pior que a pior fera” (Adonias Filho, 1961, p. 36).

Adonias Filho apresenta o índio Inuri, esta criatura desumanizada, como um recurso narrativo de transformação do protagonista. Inuri, enquanto criatura desumanizada, provoca a



desumanização de Cajango, que, de criança traumatizada, torna-se um assassino que tem a mata como morada.

As marcas da colonialidade ainda se revelam nas atribuições que Adonias Filho faz da cultura indígena. Inuri incutiu o ódio e o dever da vingança no menino, pois esses sentimentos fazem parte de sua cultura: Tinham que ser mortos os que mataram. E na idade, se Cajango não quisesse fazer, ele o mataria porque não pode viver quem não vive para vingar o pai e a mãe. Concluiu a voz calma e sem precipitação: “é pena que demore a crescer!” (Adonias Filho, 1962, p. 6).

Adonias Filho atribui essa obrigação da vingança à cultura indígena, mas é de suas bases cristãs que ele traz o dever de honrar pai e mãe. No entanto, esse dever contradiz a crença cristã, pois a vingança só pode ser cumprida através do assassinato.

A partir disso, Cajango é construído neste lugar de identidade híbrida: homem e fera, branco e índio. Nessa dicotomia estabelecida pelo autor, toda a violência do protagonista é creditada a essa segunda parte de sua identidade: fera e índio. Com isso, não por acaso, quando Cajango desperta sentimentos por uma mulher, representando o amor cristão, faz surgir outra vez o seu lado humano. Assim, para suprimir de vez o seu lado fera, a narrativa faz Cajango matar seu tio, o índio Inuri, que representa toda a natureza animalesca e desumana: o lado indígena. A morte de Inuri representa o rompimento de Cajango com o sangue indígena e, consequente, com a violência que a narrativa atribui ao povo indígena.

Adonias Filho representa a dualidade de bem e mal, na aproximação e distanciamento das virtudes cristãs. Em *Corpo Vivo*, o extremo desse distanciamento está representado pelo índio pagão. Há uma “poética do genocídio” (Graça, 1998) e isso se faz bastante claro pelo simbolismo da morte do indígena Inuri, que acontece para estabelecer um equilíbrio na narrativa e na identidade do protagonista.

Percebemos, desse modo, os dois maiores movimentos da colonialidade na obra: o primeiro, é a preservação e a defesa da imagem da classe dominante, feita através da isenção da culpa do latifundiário no processo de dominação e expansão das terras da região. E, ainda, na representação do trabalhador submisso, a fim de desviar de questões que minimamente se assemelhem com a luta de classes, pois essas questões contradizem suas ideias integralistas. Já o segundo movimento da colonialidade está na representação desumanizada do indígena, que serve, na narrativa, como representação do distanciamento de Deus descrito pelas doutrinas católica e integralista. Esses aspectos presentes na obra revelam como a ideologia de Adonias



Filho reforça narrativas marcadas pela colonialidade e perpetua a exclusão; dessa forma, cai por terra a imagem de apolítico que o autor toma para si.

### **Adonias Filho de Itajuípe: reconhecimento e proposições críticas**

Diante da compreensão da ideologia conservadora de Adonias Filho e como ela é reproduzida em sua obra, compreendemos que se faz necessário apresentar de que forma o autor é visto em Itajuípe, sua cidade natal.

É da família de Adonias filho que vem o primeiro movimento para preservar formalmente, como patrimônio cultural, o trabalho e vida do literato. A existência de um acervo de Adonias Filho, no município de Itajuípe, como destaca Oliveira (2016 p. 217), remonta ao ano de 1992, dois anos após sua morte, data em que os herdeiros Raquel Aguiar e Adonias Neto, doam ao poder público municipal peças que pertenceram ao autor.

Importa ressaltar que o início do trabalho de preservação de sua memória parte de seus herdeiros, porque isso reflete na forma como o memorial conta sua história. É inegável a movimentada e prestigiosa trajetória de Adonias Filho, mas, igualmente inegável é sua ideologia conservadora e atuação na ditadura civil-militar de 1964. No entanto, essa segunda parte de sua trajetória é pouco lembrada. Isso acontece por um movimento comum no cânone literário, em que a supervalorização da obra tende a esmaecer as contradições do autor.

No entanto, no caso específico do escritor em foco, acreditamos que isso seja também resultado de outros dois fatores: o primeiro é a imagem apolítica que Adonias Filho construiu para si, conforme abordamos há pouco; e o segundo, um pouco mais complexo e passível de discussão, a necessidade da comunidade itajuipense de reconhecer e celebrar um literato que a represente e que lhe traga prestígio. Esses fatores dão a Adonias Filho, no seu município de nascimento, a imagem que ele sempre preferiu passar, a de literato desvinculado do cenário político.

O memorial Adonias Filho de Itajuípe enquanto espaço físico, passa a existir no ano de 2011, com a Lei Municipal nº 819/2010. Assim, o memorial toma o autor e sua obra como símbolo e riqueza da cidade, mas também, como representação da história da região Sul baiana. Assim, a obra adoniana ocupa esse lugar de “documentar, sem que tenha por princípio o caráter do registro formal, a vida do povo, a pulsação do sangue correndo nas veias de quem derrubou matas e gerou fazendas, isso ouvido quando criança nas roças de cacau.” (Oliveira, 2016, p. 223).



Ainda no ano de 2011, através da Lei Municipal nº 838/2011, torna-se obrigatório, em Itajuípe, o ensino das obras de Adonias Filho nas escolas públicas e particulares do ensino fundamental II. Essa determinação, a princípio tida como avanço, pode apresentar certas contradições se pensarmos o ensino de literatura no ensino fundamental, pois a referida Lei não é acompanhada por orientação ou proposta de projetos enquanto ações pedagógicas.

Entretanto, creditamos ao município projetos pontuais que envolvem escola, memorial e comunidade, como o projeto de Comemoração do centenário de Adonias Filho, em que cada escola representou, no desfile cívico de 7 de setembro de 2015, uma obra trabalhada em sala de aula. No entanto, o projeto não envolvia a leitura integral das obras em sala de aula.

De todo modo, o município de Itajuípe celebra Adonias Filho e o toma como nome de prestígio, de tal forma que o nome do literato está presente no documento curricular referencial para o ensino fundamental:

Inúmeras pessoas nunca virão a Itajuípe e a esta região cacauzeira, nunca verão o rio Almada, uma fazenda de cacau, mas aprendem a admirá-los e a torná-los objeto de estudo através dos livros do escritor Adonias Filho, itajuipeense nato, os quais cruzaram oceanos e chegaram a várias partes do mundo, encantando pessoas e estudiosos e globalizando a cultura histórica e geográfica desse município. Inclusive, esse amor de Adonias Filho por Itajuípe, motivou a criação do Memorial Adonias Filho (Itajuípe Ba, 2020).

O documento referencial reconhece, como prevê a Lei Municipal nº 838/2011, as riquezas regionais e atribui a Adonias Filho e sua obra o papel documental e de perpetuação da memória regional. No mesmo trecho, ainda destaca como o Memorial é uma resposta ao amor que Adonias Filho teve por Itajuípe. Diante disso, destaca-se a forma acrítica que Adonias Filho é celebrado no município.

É preciso entender que essa acriticidade nasce, não de uma ingenuidade ou desonestidade intelectual, não completamente pelo menos, mas do anseio de eleger um ícone que celebra a cultura regional e popular. Isso é, no anseio de salvaguardar a memória do povo da região, os intelectuais e políticos da cidade caem em contradição ao apoiarem essas memórias em um autor conservador.

No fim, trata-se da importância da memória e da cultura popular. Podemos sim, estudá-las através das obras adonianas, pois estas fazem parte do cânone regional, mas devemos fazer isso problematizando as representações do autor e criando representações a partir da análise de suas contradições. Fazemos isso através da “compreensão sobre culturas populares e os processos educacionais que elas engendram, enquanto terreno de luta” (Abib, 2019, p. 6). Assim



sendo, tomamos o pensamento decolonial como caminho para discutir criticamente as representações regionais de raízes conservadoras e construir novas representações a partir da visão do povo subalternizado, para assim desconstruir as contradições formadas pelo cânone regional que perpassam várias instâncias do município. Para tanto, propomos o ensino de suas obras, no caso, aqui, do romance *Corpo Vivo*, considerando o processo de letramento literário.

*Por uma revisão crítica das obras adonianas nas escolas de Itajuípe*

A literatura ainda permanece no currículo escolar por força de uma tradição canônica, que compreende a leitura como instrumento de erudição. Em decorrência disso, toda a vida escolar é permeada pelo “imperativo de que o importante é que o aluno leia, não importando bem o que” (Cosson, 2009, p. 24). Essa crença, aliada à falta de objetivos e orientações, torna a leitura de obras literárias no âmbito escolar mera fruição individual. Isso, é claro, no melhor dos cenários. Em geral, no ensino fundamental, o que há é a leitura de gêneros diversos como apoio para atividades gramaticais ou para atividade de interpretação textual. No ensino médio, quando a Literatura, a muito custo, se torna disciplina separada de Língua Portuguesa, o ensino adquire um caráter puramente conteudista, sendo “aulas essencialmente informativas nas quais abundam dados sobre autores, características de escolas e obras, em uma organização tão impecável quanto incompreensível aos alunos” (Cosson, 2009, p. 24).

Tratando-se do documento curricular referencial do município de Itajuípe para a educação infantil e ensino fundamental, não existem, a partir do documento, orientações práticas, tampouco chega aos professores formas de traduzir em ações pedagógicas o que se prescreve. O que se encontra sobre literatura na área de linguagem do documento referencial são pressupostas que compreendem as práticas de linguagem como formas de alcançar a fruição da leitura. Dessa forma, a fruição da leitura literária não é incorporada à prática em sala de aula, mas tida como adorno ou uma qualidade que constitui o sujeito letrado ideal. Em outras palavras, a apropriação da literatura não é tida como atividade processual, mas como fim que se alcança através das práticas de linguagem (conteudistas) na sala de aula de Língua Portuguesa.

Em decorrência desse prognóstico de falência do ensino de literatura, afiançamo-nos no conceito letramento literário (Cosson, 2009). Assim, primeiramente, para suprir a lacuna da falta de objetivos pedagógicos, apropriamo-nos de seus pressupostos, pois Cosson (2009) toma a literatura como instrumento humanizador e afirma que somos constituídos por vários corpos:





“ao corpo físico, somam-se um corpo linguagem, um corpo sentimento, um corpo imaginário, um corpo profissional e assim por diante” (Cosson 2009, p. 17) O corpo linguagem é especialmente significativo, pois através dele vivenciamos e descrevemos o mundo. Em síntese, nosso corpo linguagem é feito das palavras com que o exercitamos. Quanto mais se usa a língua, maior se torna o corpo linguagem e, por extensão, maior se torna nosso mundo (Cosson, 2009, p. 18). É através do exercício da linguagem que expandimos nosso mundo e, conseqüentemente, nos humanizamos.

Cosson (2009) descreve que o exercício da linguagem acontece através da troca e apropriação da palavra em uma relação dialógica entre sujeito e sociedade. Nesse sentido, ele mostra que são inúmeras as formas de exercício do corpo linguagem através do uso da palavra, mas, numa sociedade letrada, a escrita tem primazia, pois essa se mostra como a forma mais eficiente de preservar a palavra. Assim sendo, “o corpo linguagem, o corpo palavra, e o corpo escrita encontra na literatura seu mais perfeito exercício” (Cosson, 2009, p. 18). Conseqüentemente, tomamos a literatura como importante instrumento de exercício do corpo linguagem e, por sua vez, de humanização.

Associamos o letramento literário ao pensamento decolonial por acreditar que o processo de letramento literário deve acontecer mediante a compreensão das disputas de poder que envolvem as produções de conhecimento e representação. Mais que isso, a humanização do sujeito só acontece quando ele se percebe enquanto subalternizado dentro da lógica colonial do mundo moderno capitalista.

Sobre a falta de orientações, seguimos as práticas descritas por Cosson (2009) que sugere que a escola deve mudar os rumos da escolarização da literatura: ao invés de aulas informativas, o ensino de literatura deve focar na leitura integral da obra para se efetivar o letramento literário. Para isso, o processo deve ser conduzido através de uma sistematização, que busca formar uma comunidade leitora em um movimento contínuo que parte do mais simples ao mais complexo, para ampliar o repertório do leitor.

Assim, Cosson (2009) apresenta sequências para sistematizar a abordagem do material literário na prática. No caso de uma sequência básica, a primeira etapa é a motivação, que tem o propósito de estabelecer laços entre o aluno e o texto literário. Isso acontece através de dinâmicas de leitura, escrita e/ou oralidade que apresentam a obra ao aluno, ao mesmo tempo que motivam e instigam sua curiosidade, relacionando vivências e gostos com a temática da obra.



Por conseguinte, temos a introdução: nesse momento, mais que apresentações biográficas acerca do autor e dados da obra, é importante justificar a escolha do texto literário a ser trabalhado, relacionando-o com a realidade do aluno e da sala de aula. A apresentação deve envolver leitura sobre a composição da capa, orelha e elementos paratextuais que levem o aluno a levantar hipóteses sobre a história. Cosson (2009, p. 62) ainda salienta a importância da apresentação física do livro, que pode envolver levar os alunos à biblioteca e dar significado até o ato de retirar o livro da estante.

Na etapa seguinte, a leitura, Cosson (2009, p. 64) considera o acompanhamento essencial no processo de letramento literário, visto que “a leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista” (Cosson 2009, p. 64). Leituras extensas são feitas fora da sala durante um período preestabelecido. Durante esse tempo, o professor deve convidar o aluno a compartilhar os resultados da leitura em momentos que Cosson (2009) chama de intervalos. Nesses intervalos, o professor não deve “policiar” se o aluno está de fato lendo, mas acompanhar o processo para que o aluno compartilhe suas dificuldades e seu ritmo de leitura. Os intervalos podem constituir atividades diversas, desde a partilha das próprias concepções acerca do que foi lido, atividades lúdicas ligadas aos temas lidos ou até mesmo leituras de capítulos em sala.

Por fim, na interpretação, Cosson (2009) primeiro descreve uma interpretação interna como sendo a decifração da palavra literária, o encontro do leitor e obra. Agora, se tratando da interpretação exterior, esta acontece através do compartilhamento das interpretações, assim os alunos ganham consciência de que fazem parte de uma comunidade. Esse trabalho deve ser conduzido de forma organizada e pode acontecer das mais diversas formas, desde resenhas expostas, dramatizações e produções artísticas das mais variadas.

Expostas as concepções e as práticas nas quais nos afoçamos, trataremos melhor de cada uma delas na seção seguinte, na qual aplicamos os pressupostos e práticas de Cosson (2009). Assim, apresentamos uma sequência didática para o estudo de *Corpo Vivo* visando promover o letramento literário e levantar também questões decoloniais sobre identidade e cultura da região Sul baiana.

#### *Sequência didática básica para o trabalho com Corpo Vivo em sala de aula*

Como referido, dada a falta de orientações e objetivos no ensino literatura como constatado na leitura do documento curricular referencial do município de Itajuípe,



apresentamos um exemplo de sequência didática básica que envolve a leitura integral do romance em destaque neste trabalho e assim propor um encaminhamento para colaborar com o trabalho docente do município.

A sequência didática para estudo de *Corpo Vivo* tem por objetivo tratar as duas problemáticas apresentadas nas seções anteriores. A primeira delas, refere-se ao problema estrutural do ensino de literatura no ensino fundamental. Dessa forma, trazemos uma sistematização de atividades práticas alicerçadas em Cosson (2009), elaboradas a partir da realidade do chão da escola de Itajuípe, os recursos que ela dispõe, o patrimônio da cidade e a realidade dos alunos.

O segundo problema a que esta sequência didática tenta dar conta está na necessidade de reverter a visão acrítica que se construiu sobre Adonias Filho. Não se trata, no entanto, de revisar em sala de aula a biografia e ideologia do autor, pois recairíamos em aulas expositivas e puramente informativas. Buscamos, através do processo de letramento literário, promover uma compreensão crítica das obras e suas representações. Em outras palavras, intentamos promover uma leitura crítica que considera a obra de Adonias Filho como importante registro da cultura sul baiana, mas levando em consideração suas possíveis marcas conservadoras e coloniais.

Dessa forma, ao primeiro passo, a motivação, denominamos “A máquina de escrever de Adonias”. Para a realização da atividade, o professor deve levar a turma numa visita ao memorial Adonias Filho de Itajuípe. Sair da monotonia da sala de aula vai instigar o aluno a se envolver com a nova atividade. Para mais, ter contato com a materialidade das peças do museu tornará Adonias Filho muito mais que um nome no livro didático. Dentre as peças expostas no memorial está a máquina de escrever usada pelo autor. A atividade de motivação consiste em instigar os alunos a pensarem que histórias de Itajuípe escreveriam. Que acontecimentos, de seu bairro, de sua rua, da cidade e região valem ser registrados? Que título dariam para a história? A atividade não implica em uma produção escrita, apenas uma discussão sobre fatos da cidade. Nesse momento, fomenta-se a discussão sobre como documentar a vivência e cultura da região.

Sequencialmente, na introdução, a apresentação da obra acontecerá ainda no memorial. Nesse ponto, não é necessário apresentar o autor, visto que escutaram muito sobre ele desde o início da visita; ouviram sua trajetória e viram objetos que lhe pertenceram, dentre os quais está o fardão de cambraia inglesa verde que usara na Academia Brasileira de Letras.



Tendo isso em vista, a introdução volta-se para a obra. Como propõe Cosson (2009), deve-se dar significado a todo o processo de escolhas e justificativas. Desse modo, na parte do memorial reservada às obras de Adonias Filho, em que há quadros com as capas de seus livros, o professor pode guiar os alunos a fazerem leituras da capa de *Corpo Vivo*, exposta em enquadramento no memorial. O professor pode justificar a escolha desse romance porque a temática de vingança e o protagonista controverso podem chamar a atenção do jovem aluno; para além disso, a obra traz representações da região e suas cidades, Ilhéus, Itabuna e Itajuípe. Com uma edição física do livro, o professor pode apresentar todos os elementos paratextuais: dedicatória, epígrafe, prefácio e prólogo. Tudo isso com o objetivo de fazer os alunos levantarem hipóteses sobre a narrativa. Esse último momento encerraria a visita ao memorial.

Em sala de aula, desenvolve-se a leitura, para a qual convém preestabelecer certas sistematizações. *Corpo Vivo* é um romance relativamente curto, com 130 páginas, mas deve ser considerado que alguns alunos não estão acostumados a leituras longas, ou têm um ritmo de leitura mais lento. Assim, a maior parte da leitura deverá ser feita fora da sala de aula, mas, para haver acompanhamento, o professor convidará os alunos a desenvolverem atividades durante o processo. Essas atividades Cosson (2009) chama de intervalos. Os intervalos de leitura podem envolver atividades variadas, em que o professor pode trazer dinâmicas que se relacionem com o que foi lido até então. Os intervalos são ainda os momentos em que cada aluno compartilha com a turma o processo de leitura: suas concepções e as expectativas dos próximos acontecimentos da narrativa. Pode também haver leitura de um trecho ou capítulo para microanálise em sala de aula.

Como estamos propondo um processo de letramento alicerçado no pensamento decolonial, os intervalos de leitura nesta sequência são dedicados ao desenvolvimento de atividades que levem o aluno a analisar criticamente cada representação. É importante ressaltar que “ao indicar o texto, é conveniente que o professor negocie com seus alunos o período necessário para que todos realizem a leitura e, dentro desse período, convém marcar os intervalos” (Cosson, 2009, p. 65). Seguindo essas orientações, propomos aqui alguns exemplos de intervalos, que, embora não contemplem todo o processo de leitura da obra, podem contribuir para a elaboração de outros intervalos, a depender do ritmo de leitura da turma. Estamos considerando que cada intervalo acontece uma vez por semana nas aulas de português; assim, os alunos farão uma semana de leitura e retornarão para desenvolver atividades baseados no que foi lido.



A obra *Corpo Vivo* não é estruturada em capítulos, mas sim dividida em curtos relatos, nos quais o narrador-personagem conta os fatos acontecidos. Desse modo, a primeira leitura deve acontecer em sala de aula, quando o professor lerá as primeiras quatro páginas, correspondentes ao trecho em que padrinho Abílio relata como salvou Cajango e decidiu levá-lo até seu tio indígena.

O primeiro intervalo é dedicado a sondar as impressões iniciais do aluno usando questões chaves: a violência inicial choca o leitor? O que chama a atenção nas descrições da região? O professor pode ainda relacionar a violência dos jagunços com acontecimentos contemporâneos.

O segundo intervalo terá o objetivo de analisar a representação do indígena. Nas páginas seguintes do romance, Cajango é levado a seu tio, o índio Inuri. Nesse momento, o aluno é convidado a analisar de que forma é descrito esse indígena. Depois disso, o professor pode trazer para a sala conteúdos sobre povos originários do Brasil. Usamos aqui como exemplo O eterno retorno do encontro, de Ailton Krenak, ou o documentário Tupinambá - O retorno da terra (2017), dirigido por Daniela Alarcon. Esse intervalo tem como objetivo estimular comparações entre a representação de Adonias Filho sobre Inuri e as representação feitas pelos próprios indígenas. Trata-se, aqui, de destacar a profunda reverência dos povos indígenas pela natureza e seu modo de vida em harmonia com o ambiente, assim como a forte solidariedade e união que caracterizam suas comunidades. Desse modo, será apresentada uma visão que se contrapõe à desumanização que Adonias Filho atribui ao indígena. Esse intervalo, de modo geral, pode se constituir em uma forma de celebração à cultura indígena, desconstruindo a visão dos povos originários como selvagens isolados na mata, como são representados pelo autor em estudo. O professor pode ainda propor uma pesquisa em que cada aluno escolhe e apresenta uma pessoa indígena, explicando o motivo de sua escolha e destacando suas contribuições, seja como escritor, artista, líder comunitário, ou em qualquer outra área.

O intervalo seguinte pode ser dedicado à análise da representação do trabalhador rural. A narrativa de *Corpo Vivo* traz uma representação de trabalhador submisso e íntimo de seu patrão. Deve-se, portanto, desenvolver uma crítica a essa representação e compará-la com trabalhadores reais e suas condições de trabalho. Para este intervalo, propomos a exibição do documentário Linha de corte (2013), produzido pela Fiocruz, que mostra a situação precária da vida dos trabalhadores rurais. Dessa maneira, será possível fazer uma contraposição com as representações irreais da obra.



No quarto intervalo, propomos trabalhar questões voltadas à identidade regional. Podem ser desenvolvidas atividades que reforcem o sentimento de pertencimento do aluno. O professor pode destacar trechos que descrevem o papel do trabalhador na formação da região e no funcionamento da economia cacaueira, como esta passagem em que o trabalhador descreve seu papel na formação da fazenda: “Eu vinha em busca de serviço, enfarado de gado, atraído pela fama do cacau. Januário recebeu-me e com nossas próprias mãos levantamos o rancho da fazenda dos limões” (Adonias Filho, 1962, p. 27).

Com isso, o professor pode levantar discussões acerca do trabalhador na cidade e no campo, destacando o papel dos pais dos alunos e alunas enquanto trabalhadores. Para além da discussão, o professor pode sugerir que os alunos entrevistem seus pais ou outros familiares sobre suas experiências de trabalho e a importância de suas profissões para a comunidade, e depois compartilhem suas descobertas em sala de aula.

Cada intervalo deve se caracterizar como um momento de construção de representações ao revés das apresentadas por Adonias Filho. Em razão disso, é muito importante um momento para o aluno compartilhar, através de produção escrita ou oral, sua visão sobre os trabalhadores e povos indígenas, que foi construída a partir do contato com as mídias e textos apresentados em sala.

Finalmente, a interpretação, que, de acordo com Cosson (2009), divide-se em dois momentos: a interpretação interna e a externa. O primeiro refere-se à decifração da palavra, do “encontro do leitor com a obra. [...] Esse encontro é de caráter individual e compõe o núcleo da experiência da leitura” (Cosson, 2009, p. 67). No entanto, mesmo interno, esse processo de interpretação não é impermeável a influências. Por certo, os processos aqui apresentados podem guiar o aluno a uma interpretação sugerida pelo professor; porém, entendemos que as etapas da motivação, introdução e leitura, se constituem como procedimentos de mediação da escola dentro do processo da leitura literária, e são fundamentais para que a leitura cumpra os objetivos de concretizar o letramento literário. Nesse sentido, as ideias, questões e discussões desenvolvidas não cerceiam as opiniões dos alunos; ao contrário, apenas estabelecem balizas para ampliar a criticidade deles.

Isso significa que a escolarização da literatura deve oferecer ferramentas, mas nunca a interpretação, pois essa vai também ser influenciada por contextos extraescolares. Assim, a maneira como interpretamos é influenciada por quem somos no momento da leitura, “por isso, por mais pessoal e íntimo que esse momento interno possa parecer a cada leitor, ele continua sendo um ato social” (Cosson, 2009, p. 67).



O primeiro momento de interpretação deve se caracterizar como encerramento das leituras e apresentação de uma apreensão global sobre a obra. Com isso, Cosson (2009, p. 85) propõe a produção de um pequeno ensaio, ou mesmo um depoimento como primeiro momento da interpretação. Se a turma tiver dificuldades para produzir o texto escrito, o professor pode recorrer a perguntas norteadoras, mas sem cair em estruturas complexas, pois a liberdade de escrita é imprescindível nesse momento.

Por fim, o segundo momento de interpretação e encerramento, “pode estar centrado sobre uma personagem, um tema, um traço estilístico, uma correspondência com questões contemporâneas ou questões históricas” (Cosson, 2009, p. 94) para ser traduzido em um trabalho artístico. Este projeto final pode se relacionar com a motivação: o alunos podem construir narrativas sobre a cidade, relacionando-as com as representações ao revés que construíram durante a leitura e os intervalos. Ao fim, com a exposição das produções, espera-se que o aluno se veja como leitor crítico e pertencente a uma comunidade leitora.

## Conclusão

Adonias Filho é para o sul da Bahia um nome expoente na literatura regional, com importância para a documentação e a elevação da cultura local. Sua relevância literária, conferida pelo cânone regional, transforma Itajuípe em um ícone referencial de celebração da própria cultura. A crítica deste trabalho se estabelece na acriticidade dessa celebração.

A análise de *Corpo Vivo*, obra mais bem avaliada de sua “trilogia do cacau”, observa como suas representações apresentam fortes bases conservadoras e integralistas. Nesse sentido, a representação do bem está alicerçada nas virtudes católicas ao passo, que o mal se manifesta no distanciamento de Deus. Nessa linha, o extremo distanciamento de Deus está representado pelo índio pagão, a dimensão animalesca do homem.

Consequente, apresentamos uma proposta de sequência didática básica para o letramento literário para discutir as representações marcadamente coloniais de Adonias Filho, suas bases conservadoras e, consequentemente, ajudar a reverter a imagem apolítica do autor e, ao mesmo tempo, colaborar no ensino de literatura do município de Itajuípe. Assim, alicerçados em Cosson (2009) e no pensamento decolonial de Quijano (2005), a sequência surge como sistematização de atividades de leitura em sala de aula e, na constância dessas atividades, espera-se construir uma comunidade de leitores e sujeitos críticos.





Por fim, para se efetivar as ideias aqui propostas não devemos execrar o autor do cânone regional ou de nossas escolas, mas dar o devido valor e importância que suas obras têm para a região, entretanto, devemos fazer isso de forma crítica, tendo conhecimento de suas bases conservadoras e, como deve ser, nos cabe passar este conhecimento para nossos alunos.

## REFERÊNCIAS

ABIB, Rodolpho Jungers P. Culturas Populares, Educação e Descolonização. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 57, n. 54, 2019.

BRASIL, Francisco de Assis. **Adonias Filho**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1969.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Global Editora. 1996, vol. 1.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2009.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. **Enciclopédia do Integralismo**: o dogma do sigma. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2021.

DANTAS, Robson Norberto. **Entre a arte, a história e a política**: itinerários e representações da “ficção brasileira” e da nação brasileira em Adonias filho (1937-1976). 2010. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2010.

FARIA, Octávio. **Destino do Socialismo**. Rio de Janeiro: Ariel, 1933.

FILHO, Adonias. **Corpo Vivo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

GRAÇA, Antônio Paulo. **Uma Poética do Genocídio**. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 1998.

MATTOS, Cyro de. **As criações de Adonias Filho**: ensaios reunidos. 2ª ed. Feira de Santana: E-Book.Br Editora Universitária do Livro Digital, 2022.

MOTA, Marcus. O fim do fim: a produção ficcional nos últimos anos de Adonias Filho. **Especiaria**, Ilhéus, v. 16, n. 29, p. 161-181, 2017.

OLIVEIRA, Elizabeth de Souza; LUCINI, Marizete. O Pensamento Decolonial: Conceitos para Pensar uma Prática de Pesquisa de Resistência. **Boletim Historiar**, Aracaju, v. 8, n. 01, 2021.

OLIVEIRA, Silmara. Memorial Adonias Filho: patrimônio e memória em Itajuípe. **Especiaria**, Ilhéus, v. 16, n. 26, p. 216-224, 2016.

PINHO, Adeíto Manoel. Leituras de Corpo Vivo, identidades híbridas por escrito. **Especiaria**, Ilhéus, v. 16, n. 29, p. 17-31, 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAJUÍPE (BAHIA). **Documento Curricular Referencial Municipal de Itajuípe**. Itajuípe, 2020.



QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Racismo e antirracismo: a categoria raça em questão. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 41-55, 2010.

WALLERSTEIN, Immanuel. **World-systems analysis**: an introduction. Durham; London: Duke University Press, 2004.

WALSH, Catherine E.; MIGNOLO, Walter; LINERA, Álvaro García. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2006.